



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13726 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)  
 ISSN: 2447-2808  
 GT04 - Didática

**BAÚ BRINCANTE: UM ESTUDO SOBRE O BRINCAR EM UMA ESCOLA DO CAMPO NA COMUNIDADE INDÍGENA TUPINAMBÁ - ILHÉUS-BAHIA**  
 Maria Aparecida D'ávila Cassimiro - UFBA-MPED – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
 Cristina Maria Dávila Teixeira - UFBA - Universidade Federal da Bahia  
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

**BAÚ BRINCANTE: UM ESTUDO SOBRE O BRINCAR EM UMA ESCOLA DO CAMPO NA COMUNIDADE INDÍGENA TUPINAMBÁ - ILHÉUS-BAHIA**

**Resumo:**

Apresentamos os dados produzidos na primeira etapa de uma pesquisa-ação realizada na rede municipal de Ilhéus, que tem como objetivo analisar o espaço/tempo concedido ao brincar das crianças da Educação Infantil em uma Escola do Campo, na comunidade indígena tupinambá, no Sul da Bahia proporcionado pela implantação do Baú brincante e as reverberações provocadas por este artefato lúdico no desenvolvimento infantil. Como tal faz parte integrante de um projeto maior desenvolvido no Grupo de Pesquisa em Educação, Didática e Ludicidade (GEPEL), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), intitulado Baú Brincante. Assumimos como população da pesquisa uma média de 20 crianças do Grupo de 4 e 5 anos e 4 professores da educação infantil na escola referida. Os dispositivos de produção de dados utilizados foram a observação participante, e portfólio de documentos disponibilizados pela escola. Para a etapa diagnóstica, destacada neste artigo, demonstrar-se-á o contexto da Educação Infantil na Escola Municipal Sérgio Carneiro e o trabalho desenvolvido no período pandêmico e no retorno. Como intervenção, no bojo da pesquisa-ação, apresenta-se a construção de um novo baú construído com elementos dessa cultura campesina com influência indígena para sequência da pesquisa.

**Palavras-chave:** Brincar; pesquisa-ação; educação infantil no campo; cultura lúdica.

## INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta a fase diagnóstica de uma pesquisa-ação sobre o brincar livre em escola do campo, buscando como principal objetivo, **analisar o espaço / tempo concedido ao brincar das crianças da Educação Infantil em uma Escola do Campo, na comunidade indígena tupinambá, no Sul da Bahia proporcionado pela implantação do Baú brincante e as reverberações provocadas por este artefato lúdico no desenvolvimento infantil.** O estudo está sendo desenvolvido na Escola Municipal Sérgio Carneiro.

A pesquisa em questão integra os estudos do Grupo de Pesquisa em Educação, Didática e Ludicidade (GEPEL) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) sobre o brincar livre intitulada Baú Brincante. Que acontece numa perspectiva de projeto interinstitucional, em desenvolvimento, realizado pelo GEPEL em cooperação entre a UFBA e Grupo de pesquisa Experice da Universidade Paris XIII, Sorbonne, baseado no projeto *Boite a Jouer*, desenvolvido em Paris (França), e coordenado pelo Professor Gilles Brougère.

Aqui no Brasil a pesquisa foi desenvolvida em escolas urbanas, por três doutoras do Programa de pós-graduação em educação (PPGEDU) da UFBA. Após contato com este estudo a nossa pretensão foi expandir o projeto Baú Brincante para escolas do Campo de Ilhéus, com as turmas de pré-escola da Educação Infantil na comunidade indígena Tupinambá de Olivença. No entanto, no contexto desta pesquisa, entendemos que este baú deverá ter características próximas da cultura infantil local, sendo construído junto com as crianças e com a comunidade.

As crianças campesinas, diferentes das crianças urbanas, continuam brincando nas ruas e em contato com elementos da natureza, no entanto, percebemos que os espaços escolares geralmente são restritivos ao modo de ser e estar no mundo destas crianças. As Instituições de Educação Infantil do Campo, podem e devem ser um ambiente lúdico, capazes de proporcionar o desenvolvimento integral da criança, e constituir um espaço de construção identitária. Mas será que estão cumprindo este papel? Dessa forma justifica sabermos como as crianças da comunidade tupinambá de uma escola do campo, no Sul da Bahia interagem com brinquedos não estruturados no Baú Brincante construído junto a sua comunidade.

Nas discussões que permeiam o Brincar, importa destacar que compreendemos tal fenômeno relacionado ao conceito de ludicidade discutido no GEPEL. O grupo entende que o fenômeno lúdico, embora trate de um sentimento interno de satisfação, se relaciona, dialeticamente, com as situações lúdicas enquanto ações externas, culturalmente produzidas. Nessa direção percebemos uma relação dialética entre o fenômeno lúdico que é interno, com

o brincar (uma das manifestações lúdicas e objeto de nossa pesquisa) que é uma ação externa, eminentemente cultural.

Na discussão sobre o brincar utilizamos como referencial teórico os estudos de Brougère (2008), e de Kishimoto (2011), por serem autores importantes na área e para trazer à baila o conceito de cultura lúdica (BROUGÈRE, 1998) e brincar livre discutidos no GEPEL.

## **METODOLOGIA**

Optamos pela pesquisa-ação existencial (BARBIER, 2004), na escolha metodológica. Na pesquisa-ação numa perspectiva epistemológica, a ênfase maior é dada à imbricação do pesquisador, com os sujeitos da pesquisa, como colaboradores, bem como com a realidade na qual se encontram imersos. No nosso caso esperamos que a pesquisa contribua para possibilitar espaço de investigação reflexiva e formação dos docentes participantes do projeto, contribuindo para o trabalho pedagógico da Educação Infantil que valorize o brincar.

O estudo em foco se propõe a construir um processo de interlocução com as crianças da Educação Infantil do Campo da Escola Sérgio Carneiro, de 4 e 5 anos, sobre o brincar, tendo como dispositivo mediador o “Baú Brincante”. Este dispositivo nas pesquisas desenvolvidas na zona urbana, constitui-se como uma caixa de brinquedos medindo aproximadamente (2,0 m largura x 1,60 m de altura), carregado com uma quantidade de diferentes tipos de materiais de recuperação, doados por empresas locais, como também, objetos não convencionais: cordas, tubos de papelão, mala, bolsas, pneus, dentre outros. Nesta pesquisa será composto por um baú de tala de dendê medindo aproximadamente (1,0 m largura x 60 cm de altura), e cestos de cipós com elementos não estruturados para brincar da cultura local, como pedaços de bambu, gravetos, folhas, argila, areia, conchinhas, búzios, pedrinhas, dentre outros.

Estamos realizando o estudo numa escola do campo em Ilhéus, no Sul da Bahia, numa comunidade de maioria indígena no território Tupinambá. A escolha do município se justifica, uma vez que uma das autoras deste texto desenvolveu sua pesquisa de mestrado naquele sítio e, portanto, desenvolveu vínculo com os colaboradores da pesquisa atual a nível de doutorado.

Assumimos como população da pesquisa uma média de 20 crianças do Grupo de 4 e 5 anos e 4 professores da educação infantil na escola referida.

Para melhor objetivar nosso estudo, trabalharemos com as seguintes fases: a) diagnóstico de escolas do campo que estejam abertas ao trabalho b) apresentação e sensibilização dos professores; c) instalação do baú brincante; d) observações registradas em diários; e) análise de dados. A pesquisa em tela, neste texto tratará da primeira fase – diagnóstica.

## **RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO**

Na Rede Municipal de Ilhéus o ano letivo de 2020 aconteceu no ano de 2021, denominado de ano Continuum 2020/2021. Esse movimento foi pautado na Lei Federal nº 14.040 de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública. Assim o corpo docente de cada unidade escolar, construiu e enviou materiais de estudos quinzenais que eram disponibilizados para os responsáveis dos alunos de forma presencial em atendimento através de Plantões Pedagógicos atrelados à devolução do material recebido na quinzena anterior, respondido pelo aluno, denominados de “roteiro de aprendizagem”.

Em análise dos roteiros desenvolvidos pelas professoras da Educação Infantil da referida escola, percebemos que essas atividades eram norteadas por momentos de brincar direcionados além de atividades de escolarização. Ainda que não tenhamos percebido orientações de brincadeiras sem intervenção do adulto, pensamos como positivo que a escola tenha planejado momento específico dentro do planejamento para questões voltadas à diversidade e à ludicidade.

Em 2022 a escola retomou o ano letivo com o ensino presencial. Ao analisar a rotina das crianças de 4 e 5 anos, percebemos poucos momentos de brincar sem intervenção do adulto e quando há, não parecem dá importância a essa atividade como especificidade da Educação Infantil, primam por atividades dirigidas.

É nítido um certo desconforto e insegurança em proporcionar momentos para a brincadeira com receio da cobrança da família da criança. E assim recorrem a atividades prontas na internet baseadas em atividades de prontidão e de datas comemorativas, com a justificativa de que os pais cobram.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa representa uma inovação no plano da educação infantil. Busca apresentar a potencialidade do brincar livre, mediante uma pesquisa-ação, para crianças camponesas que, muitas vezes, não encontram na escola um repertório lúdico que represente a sua cultura. O intuito do trabalho é que, tão somente, a criança brinque livremente a partir da disposição de materiais não estruturados pelos quais poderá criar brinquedos e brincadeiras, manifestando, nessas ocasiões, o conteúdo interno que as adentram a partir das referências socioculturais de seu próprio ambiente.

A etapa diagnóstica aqui apresentada traz à baila a rotina pedagógico-didática desenvolvida na escola do campo, durante o contexto da pandemia pela Covid-19 que impôs a sistemática do ensino na modalidade remota.

Percebemos que o livre brincar ainda é um fator de tensão e de necessidade de formação continuada a cerca da cultura da infância, da educação infantil e do brincar.

A pesquisa se encontra em andamento e há ainda muito a descobrir, principalmente no que tange ao brincar das crianças daquela região. Que brinquedos utilizam ou criam? as brincadeiras representam seu meio sociocultural? quais suas principais características? que implicações o baú brincante produz naquele contexto? São questões que vamos ainda perscrutar, mas que já antevemos resultados com os dados produzidos até aqui.

## REFERÊNCIAS

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber, 2004.

BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação**. Porto Alegre; Artes Médicas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Brinquedo e cultura**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

D'ÁVILA, C.; CARDOSO, M. C.; XAVIER, A. A. S. O Brincar Livre na Escola de Ensino Fundamental e Formação de Professores. In.: D'ÁVILA, C.; FORTUNA, T. R. **Ludicidade, Cultura Lúdica e Formação de Professores**. Curitiba: CRV, 2018, p. 93-112.

KISHMOTO, Tizuko M. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2011.